



KnoWhy #708

Janeiro 15, 2024



## Por que Leí morou em Jerusalém?

*“Pois aconteceu no começo do primeiro ano do reinado de Zedequias, rei de Judá (tendo meu pai, Leí, morado todos os seus dias em Jerusalém); e apareceram muitos profetas, nesse mesmo ano, profetizando ao povo que todos deveriam arrepender-se ou a grande cidade de Jerusalém precisaria ser destruída.”*

1 Néfi 1:4

### O conhecimento

Nos versículos iniciais do Livro de Mórmon, Néfi apresenta seu pai, Leí, um profeta que havia “morado todos os seus dias em Jerusalém” (1 Néfi 1:4). Mais tarde, os leitores descobrem que Leí era descendente de José por meio de Manassés, assim como Labão, que mantinha “o registro dos judeus” nas placas de latão. Algumas evidências também indicam que o manuscrito perdido identificou Ismael como descendente de José através de Efraim. Dado que Jerusalém era a capital do reino do sul de Judá, pode parecer incomum que quase todos os residentes de Jerusalém mencionados nesses relatos iniciais venham de uma das tribos perdidas do norte de Israel. Na década de 1830, um crítico do Livro de Mórmon o chamou de “erro tolo” que expôs seus autores como “tipos ignorantes”.

No entanto, nas últimas décadas, evidências arqueológicas convenceram a maioria dos especialistas de que muitos residentes de Jerusalém, talvez até a maioria, viveram no século VII a.C. eram descendentes de refugiados do norte de Israel. Escavações arqueológicas em Jerusalém e arredores indicam que a população da cidade e da região circundante aumentou no final do século VIII a.C. e que as muralhas foram expandidas para acomodar esse rápido crescimento populacional. De acordo com Margreet Steiner, Jerusalém havia se tornado “o que os geógrafos chamam de ‘cidade principal’, uma cidade que não apenas supera todos os outros assentamentos em tamanho, mas também concentra todo o poder econômico, político e social”.

Embora as razões para esse crescimento populacional fossem complexas e multifacetadas, é provável que os refugiados israelitas do norte que chegavam à área de Jerusalém fossem um fator importante. O arqueólogo Yigal Shiloh observou: “Parece que os refugiados se reuniram em Jerusalém a partir de Samaria e da região circundante, que foi conquistada pelos assírios em 722 a.C”. Os temas de pesquisa e debate entre arqueólogos, historiadores e estudiosos bíblicos continuam sendo o afluxo de refugiados israelitas do norte, a magnitude do crescimento demográfico de Jerusalém naquela época e sua medida. No entanto, embora “um conjunto complexo de condições” indubitavelmente tenha contribuído para o “crescimento urbano observado” em Jerusalém, a maioria dos estudiosos concorda que “após a campanha assíria, alguns dos habitantes do reino de Israel e da região de Sefelá migraram para o reino de Judá”. Uma estimativa sugere que até 53% da população de Jerusalém poderia ter sido de origem israelita do norte depois de 720 a.C.

Pelo menos algumas pessoas do norte pertenciam às elites e eram artesãos que sabiam ler e escrever, e é até possível que trouxessem registros. “Tanto os textos escritos quanto as tradições orais provavelmente foram trazidos para Judá por refugiados israelitas após a queda de Israel”, segundo o arqueólogo israelense Israel Finkelstein. O estudioso bíblico William Schniedewind observou que “um número desproporcional de refugiados teria sido de elites sociais e culturais: nobres, funcionários do governo, escribas, artesãos, sacerdotes do templo”, que “poderiam ser colocados para trabalhar na crescente burocracia do governo”.

Escavações realizadas na região principal, onde esses refugiados foram inicialmente reassentados, revelam que no século VII a.C. havia se tornado um bairro rico, e a descoberta de inúmeros selos do mesmo período sugere que os descendentes desses refugiados estavam de fato integrados aos altos escalões da sociedade e do governo judaicos. É até possível que o rei Ezequias de Jerusalém tenha escolhido o nome Manassés para seu filho como forma de criar unidade com os descendentes do norte.

## O porquê

Esse crescente corpo de evidências arqueológicas cria um quadro notavelmente consistente com as cenas de abertura do Livro de Mórmon, nas quais os leitores conhecem Leí, um descendente de José da tribo de Manassés e que tinha ouro, prata e muitas coisas preciosas na “terra de sua herança” (1 Néfi 2:4; 3:22) e que também pode ter sido um hábil artesão. Alguns capítulos depois, Labão é apresentado, o parente de Leí da linhagem de José que pode ter sido o “comandante da fortaleza” de Jerusalém e cujos “antepassados haviam mantido os registros” nas placas de latão (1 Néfi 5:16). Tudo isso também fornece detalhes contextuais que explicam por que a família de Leí, como descendentes de José, viveu em Jerusalém no final do século VII a.C.. O arqueólogo santo dos últimos dias Jeffrey R. Chadwick resumiu:

Como sua herança era da tribo de Manassés, mas ele havia “morado todos os seus dias em Jerusalém” (1 Néfi 1:4), Leí provavelmente era descendente de refugiados manassitas que fugiram para o sul, para Judá, com outros do reino do norte, quando os assírios atacaram, destruíram e deportaram Israel nos anos 724-722 a.C.

Chadwick observa ainda que, se os ancestrais de Leí tivessem se estabelecido fora de Jerusalém ou em outras partes das terras de Judá, provavelmente teriam sido apanhados na destruição e deportação de Judá pelo exército assírio em 701 a.C. Mas por volta de 705 a.C., Ezequias expandiu as muralhas e fortificações de Jerusalém para incluir a área habitada por refugiados do norte, garantindo assim que eles fossem protegidos quando os assírios invadissem. “Protegidos pelo [novo] muro de Jerusalém, os bisavós de Leí e seus companheiros jerosolimitas não foram deportados pelos assírios no ataque de Senaqueribe a Judá em 701 a.C. Enquanto o resto de Judá foi completamente destruído [...] os antepassados de Leí foram salvos e continuaram a viver, resultando no nascimento de Leí em Jerusalém”.

A presença desses refugiados é apenas sugerida na Bíblia. O quadro completo e a compreensão de quão perto tudo corresponde aos detalhes dos primeiros capítulos do Livro de Mórmon só vieram à tona nos últimos quarenta anos, tarde demais para Joseph Smith ou qualquer outro escritor da década de 1820 se basear neles para criar uma narrativa histórica plausível que saiu de Jerusalém por volta de 600 a.C.

Conhecer esse contexto não apenas reforça a veracidade histórica do relato inicial de Leí e sua família, mas também aprofunda nossa apreciação pela orientação providencial que levou os ancestrais de Leí e outros refugiados do norte à Jerusalém, os preparativos inspirados e a liderança de Ezequias na época do assalto assírio e a proteção divina do Senhor à Jerusalém em 701 a.C. (ver 2 Reis 19). Sem esses eventos, o registro inspirado do Livro de Mórmon poderia não existir hoje, pois permitiram que os ancestrais de Leí sobrevivessem e, assim, levaram ao futuro nascimento de Leí, o primeiro profeta e fundador do Livro de Mórmon.

Ironicamente, apenas algumas gerações depois, a mesma mão divina que guiou os ancestrais de Leí para a segurança das muralhas de Jerusalém, então levou Leí para a segurança longe de Jerusalém, permitindo-lhe sobreviver à invasão do exército babilônico e estabelecer um ramo justo de Israel em uma nova terra de promessa. Assim, o legado desses descendentes fiéis de Joseph, preservado por meio de migrações providenciais, continua a falar em todo o mundo hoje por meio do Livro de Mórmon.

## Leitura complementar

Jeffrey R. Chadwick, “Lehi’s House at Jerusalem and the Land of His Inheritance”, em *Glimpses of Lehi’s Jerusalem*, ed. John W. Welch, David Rolph Seely e Jo Ann H. Seely (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 2004), pp. 81–130.

Evidence Central, “Book of Mormon Evidence: Descendants of Joseph”, Evidence #291 (27 de dezembro de 2021).



© Central do Livro de Mórmon, 2024

## Notas de rodapé

1. 1 Néfi 3:3; 5:14, 16; Alma 10:3.2. Don Bradley, *The Lost 116 Pages: Reconstructing the Book of Mormon’s Missing Stories* (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2019), pp. 157–160.
3. Bachelier Origin, *Mormonism Exposed Internally and Externally* (New York, NY, 1838), p. 11.
4. Ver M. Broshi, “The Expansion of Jerusalem in the Reigns of Hezekiah and Manasseh”, *Israel Exploration Journal* 24, no. 1 (1974): pp. 21–26.
5. Ver Yigal Shiloh, “Jerusalem: Excavation Results”, em *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*, 5 vol., ed. Ephraim Stern (Jerusalem, Israel: Israel Exploration Society; Letter, 1993), 2: pp. 704–710; G. J. Wightman, *The Walls of*

Jerusalem: From the Canaanites to the Mamluks (Sydney, AU: Mediatarch, 1993), pp. 39–64; Margreet Steiner, “Expanding Borders: The Development of Jerusalem in the Iron Age”, em *Jerusalem in Ancient History and Tradition*, ed. Thomas L. Thompson (New York, NY: T&T Clark International, 2003), pp. 75–79; Hillel Geva, “Western Jerusalem at the End of the First Temple Period in Light of the Excavations in the Jewish Quarter”, em *Jerusalem in Bible and Archaeology*, ed. Andrew G. Vaughn e Ann E. Killebrew (Boston, MA: Brill, 2003), pp. 183–208; Jeffrey R. Chadwick, “Jerusalem”, em *Encyclopedia of the Bible and its Reception*, 21 vol. (Boston, MA: De Gruyter, 2009–2024), 13: pp. 1009–1012; William G. Dever, *Beyond the Texts: An Archaeological Portrait of Ancient Israel and Judah* (Atlanta, GA: SBL Press, 2017), p. 548.

6. Steiner, “Expanding Borders”, p. 78.
7. Shiloh, “Jerusalem: Excavation Results”, p. 704. Ver Chadwick, “Jerusalem”, p. 1010: “Nas décadas depois de 735 a.C., o movimento de refugiados para Judá do vizinho reino do norte de Israel, como resultado das conquistas assírias, levou ao assentamento de uma área adicional no local do atual bairro judeu, que foi renomeado Mišneh, um termo hebraico que significa ‘segundo’ ou ‘adicional’.
8. Para estimativas altas e baixas do crescimento populacional de Jerusalém, ver Avraham Faust, “The Settlement of Jerusalem’s Western Hill and the City’s Status in Iron Age II Revisited”, *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins* 121, no. 2 (2005): pp. 97–118; Hillel Geva, “The Settlement on the Southwestern Hill of Jerusalem at the End of the Iron Age: A Reconstruction Based on the Archaeological Evidence”, *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins* 122, no. 2 (2006): pp. 140–150. Para o debate sobre até que ponto os refugiados do norte desempenharam um papel nesse crescimento populacional, ver o intercâmbio entre Na’aman e Finkelstein: Nadav Na’aman, “When and How Did Jerusalem Become a Great City? The Rise of Jerusalem as Judah’s Premier City in the Eighth–Seventh Centuries BCE”, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 347 (2007): pp. 21–56; Israel Finkelstein, “The Settlement History of Jerusalem in the Eighth and Seventh Centuries BC”, *Revue Biblique* 115, no. 4 (2008): pp. 499–515; Nadav Na’aman, “The Growth and Development of Judah and Jerusalem in the Eighth Century BCE: A Rejoinder”, *Revue Biblique* 116, no. 3 (2009): pp. 321–335; Nadav Na’aman, “Dismissing the Myth of a Flood of Israelite Refugees in the Late Eighth Century BCE”, *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 126, no. 1 (2014): pp. 1–14; Israel Finkelstein, “Migration of Israelites into Judah after 720 BCE: An Answer and an Update”, *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 127, no. 2 (2015): pp. 188–206. Philippe Guillaume, “Jerusalem 720–705 BCE: No Flood of Israelite Refugees”, *Scandinavian Journal of the Old Testament* 22, no. 2 (2008): pp. 195–211, apoia a posição de Naamã, mas continua sendo uma minoria entre os estudiosos.
9. Geva, “Western Jerusalem”, p. 205.
10. Aaron A. Burke, “An Anthropological Model for the Investigation of the Archaeology of Refugees in Iron Age Judah and Its Environs”, em *Interpreting Exile: Displacement and Deportation in Biblical and Modern Contexts*, ed. Brad E. Kelle, Frank Ritche Ames e Jacob L. Wright (Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2011), p. 49; Aaron A. Burke, “Coping with the Effects of War: Refugees into the Levant during the Bronze and Iron Ages”, em *Disaster and Relief Management in Ancient Israel, Egypt and the Ancient Near East*, ed. Angelika Berlejung, Ariel Bagg e Gunnar Lehman (Tubingen, Alemanha: Mohr Siebeck, 2012), p. 275. Compare Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, *David and Solomon: In Search of the Bible’s Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition* (New York, NY: Free Press, 2006), pp. 137–138: “Talvez metade da população de Judá no final do século VIII e início do século VII a.C. era de origem israelita do norte”.
11. William M. Schneidewind, “Jerusalem, the Late Judahite Monarchy, and the Composition of the Biblical Texts”, em *Jerusalem in Bible and Archaeology*, pp. 375–393; Gary A. Rendsburg e William M. Schneidewind, “The Siloam Tunnel Inscription: Historical and Linguistic Perspectives”, *Israel Exploration Journal* 60 (2010): pp. 188–203. Sobre trazer registros, ver Israel Finkelstein, *The Forgotten Kingdom: The Archaeology and History of Northern Israel* (Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2013), pp. 3, 65, 140–151.
12. Finkelstein, *Forgotten Kingdom*, p. 3.
13. William M. Schneidewind, *How the Bible Became a Book* (New York, NY: Cambridge University Press, 2004), p. 95.

14. Ver Shlomit Weksler-Bdolah, Alexander Onn, Shua Kisilevitz e Brigitte Ouahnouna, "Layers of Ancient Jerusalem", *Biblical Archaeology Review* 38, no. 1 (2012): pp. 36–47, 69–70.
15. Anat Mendel-Geberovich, Ortal Chalaf, and Joe Uziel, "The People Behind the Stamps: A Newly Found Group of Bullae and a Seal from the City of David, Jerusalem", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 384 (2020): pp. 159–182.
16. Itzaq Shai, "A Note on the Importance of the Name Manasseh as King of Judah", em *To Explore the Land of Canaan: Studies in Honor of Jeffrey R. Chadwick*, ed. Aren M. Maeir e George A. Pierce (Boston, MA: Walter de Gruyter, 2022), pp. 288–296.
17. Ver Neal Rappleye, "Lehi the Smelter: New Light on Lehi's Profession", *Interpreter: A Journal of Latter-day Saint Faith and Scholarship* 14 (2015): pp. 223–225.
18. Sobre Labão e o título de comandante da fortaleza, ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Quem foi Labão? (1 Néfi 3:3)", *KnoWhy* 709 (11 de janeiro de 2024); Kelly N. Schaeffer-Bullock, "Rediscovering Zoram: The Chief Na'ar of the Commander of the Fortress" (rascunho, agosto de 2023), cópia em posse da equipe de pesquisa da Central das Escrituras.
19. Jeffrey R. Chadwick, "Lehi's House at Jerusalem and the Land of His Inheritance", em *Glimpses of Lehi's Jerusalem*, ed. John W. Welch, David Rolph Seely e Jo Ann H. Seely (Provo, UT: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 2004), 127, ver também pp. 87–93.
20. Chadwick, "Lehi's House at Jerusalem", pp. 93–105, 127.
21. Ver 2 Crônicas 30:1, 6, 11, 18, 25 e a análise dessas passagens em Chadwick, "Lehi's House at Jerusalem", pp. 91–93. A Bíblia relata mais explicitamente uma migração de israelitas de Manassés e Efraim durante o reinado de Asa, ca. 900 a.C. (2 Crônicas 15:9), mas essa

migração não leva em conta os detalhes do Livro de Mórmon, bem como a migração subsequente apoiada pela arqueologia. Ver Chadwick, "Lehi's House at Jerusalem", p. 87.